

A FORMAÇÃO CONTINUADA DO PROFESSOR PESQUISADOR NO ENSINO SUPERIOR

ESTÉLIO SILVA BARBOSA
REGINA TELES COUTINHO
DR^a. EM EDUCAÇÃO (ORIENTADORA)
ELIETE SILVA MEIRELES
MST. EM EDUCAÇÃO (ORIENTADORA)
Faculdade de Tecnologia do Piauí – Fatepi.
Teresina-Piauí-Brasil
esibes@bol.com.br

INTRODUÇÃO

Observando o termo pesquisa nota-se que o mesmo traz uma idéia de investigação e estudo, minucioso e sistemático e com o fim o propósito de descobrir fatos relativos a um corpo do conhecimento em que pesquisar é buscar com diligência; inquirir, informar-se a respeito de algo. O entendimento que muitas vezes vem a mente e que muitos colocam, e que o docente só precisa fazer prática da pesquisa em sua formação inicial, observa-se um certo abandono por conta do tempo julgado insuficiente, a falta de estímulo, motivação, acreditando inconsiderável tais colocações como justificativa para a ausência da pesquisa.

A pesquisa não deve ser vista como atividade cheia de complexidade o que muitos preferem acreditar assim, e por crer desta forma se distanciam cada vez mais da realização da mesma.

Ser docente e ser pesquisado, ser pesquisador e ser planejador de suas ações, o professor precisa trazer em sua concepção o ato de planejar.

Para desenvolver a docência há que dominar o método de ensino. O desenvolvimento continuado do docente do ensino superior precisa ser visto como um norteador de teoria e prática. Ser pesquisador é produzir conhecimento e acréscimos significativos ao quadro docente, a instituição e a sociedade em si.

O presente artigo procura mostrar as concepções, os benefícios, acerca da formação continuada do Professor enquanto pesquisador e formador da sua própria prática expressando, sonhos, sentimentos e motivações em que ser pesquisador “é estar sempre em busca constante de respostas de questões impostas”, “é sentir prazer e interesse em pesquisar”, “é ser investigador constante da realidade dinâmica, buscando o crescimento epistêmico”, “é ser o próprio instrumento de pesquisa com embasamento teórico”. “É olhar de forma diferente, criando e recriando”. “É sentir comprometido na realização de um trabalho útil ao campo profissional”. Como se dá a construção da postura de professores pesquisadores no ensino superior? O docente do ensino Superior tem feito uso da pesquisa no seu processo de Formação continuada, bem como o desenvolvimento em sala de aula? Que mudança podem ocorrer na vida do professor pesquisador e na vida de seu aluno? Que benefícios a instituição de ensino superior vem conseguir ao ter em seu corpo docente o professor pesquisador? Essas e outras inquietudes permeiam o âmago de nossa investigação cujo o objetivo é analisar a postura do professor do ensino superior delineando o perfil do professor pesquisador. Identificar a postura do Professor do ensino superior; descrever o processo de construção da postura investigativa do professor pesquisado no ensino superior; verificar as contribuições do professor pesquisador junto a instituição de ensino e ao discente. Os aspectos metodológicos adotados para a realização desta pesquisa foi de levantamento bibliográfico (Livros, revista, internet/outros), através do método dialético com professores. Positivamente acreditamos que a relevância desta pesquisa será de caráter ímpar e de valor incalculável para

a sociedade (Educativa) em geral, pois cremos na intervenção da pesquisa como ferramentas pedagógicas para um aprendizado constante e eficiente e transformador.

A Pesquisa é o exercício principal da ciência é um conjunto de atividade orientada para a busca de um determinado conhecimento científico, o que para tal utiliza de um modo sistematizado e um método próprio e técnica específica procurando um conhecimento que se refira à realidade empírica (que se guia pela experiência).

Entende-se por pesquisa a atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação (MINAYO, 1994, p. 17).

A ação é realizada através da extensão cabendo esta o importante papel de contribuir com a aplicabilidade do que foi elaborado. A importância de uma estreita articulação entre tais atividades é de tal ordem que o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão está firmado na constituição de 1988 (art. 207). Concordando com tal pensamento e que Severino (1999, p. 13) era a análise a observação que faz que:

[...] Só se aprende, só ensina pesquisando; só se presta serviços à comunidade, se tais serviços nascerem e se nutrirem da pesquisa [...] o professor precisa da prática da pesquisa para ensinar eficazmente, o aluno precisa dela para aprender eficaz e significativamente.

Desde os períodos primitivos o homem sempre buscou conhecer a si próprio e a realidade que o rodeava, procurando decifrar os enigmas e, através das respostas encontradas, assegurar certo domínio do seu retorno. Podemos dizer então que a ciência nada mais é que a organização das buscas e achados através dos tempos, aperfeiçoando-se sempre, e nem sempre vista da mesma forma pelos que a fazem. Assim o percurso do conhecer foi sendo construído com diversidade, tendo em vista os modos próprios do pensar em cada época e em sintonia com vozes que se fizeram ouvir em diferentes contextos, algumas das quais podem ser visualizadas em nomes de grandes sociólogos e filósofos expressos a seguir: Augusto Comte (1788 – 1857). Filósofo francês. Considerava o positivismo como uma religião capaz de trazer o progresso à humanidade. Apontava a sociologia como a mais complexa de todas as ciências. Principais obras: Curso de Filosofia Positiva; Discurso sobre o espírito positivo; Discurso sobre o conjunto do positivismo.

Émile Durkheim (1858 – 1917). Sociólogo francês. Prestou grande colaboração à sociologia, transformando-a em disciplina independente. Definiu seu objeto e método, recomendando aos sociólogos estudarem os fatos sociais como coisas. Publicou entre outras: As regras do método sociológico; O suicídio; Educação e Sociologia.

Wilhelm Dilthey (1833 – 1911) Filósofo e historiador alemão. É conhecido pelos seus estudos sobre o método da compreensão. Exerceu grande influência nas reflexões metodológicas sobre a sociologia. Além de introdução às ciências sociais, publicou ainda estudos sobre filosofia e cultura nas Obras escolhidas.

Edmund Husserl (1859 – 1938). Filósofo alemão. Criou a fenomenologia, apresentando-a como uma ciência filosófica universal. Seu princípio metodológico fundamental era o da “redução fenomenológica”. Publicações: Lógica formal e transcendental; A crise da ciência europeia e a fenomenológica transcendental: uma abordagem da filosofia fenomenológica.

Max Weber (1864 – 1920). Nasceu na Alemanha. Estudou, além de filosofia, direito, sociologia e história. Sua formação histórica foi determinante para opor-se à concepção positivista. Combinou a historiografia com a sociologia. Propôs como método de estudo o método compreensivo. Principais obras: A ética protestante e o espírito do capitalismo; Artigos reunidos de sociologia da religião.

Karl Marx (1818 – 1883). Filósofo alemão. Propôs não apenas um método, mas sobretudo a transformação política e social. Esclareceu que a produção é a raiz de toda a estrutura social. Escreveu entre outras obras: O manifesto do partido comunista (com Engels); A Ideologia alemã; Para a crítica da economia política; O Capital. Friederich Engels (1820 – 1895). Esses pensadores estiveram à frente de idéias que representaram diferentes visões de ciência e de fazer pesquisa.

Faz-se a pesquisa com o intuito de orientar, formular, avaliar e introduzir inovações e intervenções numa prática política pedagógica educacional que se estende muito além da simples sala de aula.

como sujeito subjetivados no interior da prática coletiva, institucionais e sociais” (PERREIRA, 2000, p. 93).

Diante das reformas ocorridas no que dizem respeito à formação do professor e sua prática docente torna-se necessário ao profissional de educação está constantemente procurando atualizar sobre as novas metodologias de ensino e assumir uma nova postura no seu local de trabalho. Como afirma Mônica Thurler (2002,p.89)

Isto implica que trabalhar com professores e sua formação seja em qualquer tempo e trabalhar um contexto que manifesta-se em prática cotidiana, ou seja, dia a dia, à vida funcional e levar em consideração uma formação para uma verdadeira e efetiva ação, Catani (1997, p. 341) assim define quando ocorrer esta formação:

As concepções sobre as práticas docentes não se formam a partir do momento em que alunos e professor entram em contato com as teorias pedagógicas, mas encontramos enraizadas em contexto e histórias individuais que antecedem, até mesmo, a entrada deles na escola (instituição) estendendo-se a partir daí por todo o percurso da vida escolar e profissional. Dizer que o professor precisa da continuidade a sua formação é afirmar que o aprendizado que possibilita a ação é um desenvolvimento e desenvolvimento constante sem regras básicas.

Demo (1991, p. 42) afirma que os princípios científicos do ser como pesquisador constrói o sujeito histórico auto-suficiente, crítico (autocrítico participando e capaz de reagir contra a situação de objeto e de não cultivar os outros como objeto.

O professor pesquisador é considerado um ser que dialoga com a realidade, de modo crítico e criativo, faz da pesquisa condição de vida, progresso e cidadania.

Demo (1991, apud Lúdke, 2002) distingue cinco níveis de pesquisa:

I – de interpretativa reprodutiva (sistematização e reprodução de um texto com fidedignidade);

II – de interpretação própria (interpretação pessoal do que os outros já disseram);

III – de reconstrução (parte da construção vigente e refaz uma proposta própria);

IV – de construção (toma como referência o que existe, na procura de caminhos novos;

V – da criação/Descoberta (introdutores de novos paradigmas metodológicos, teóricos ou práticos).

Somos pesquisadores por natureza, pois estamos lendo, nos informados isso, o docente já executa no cotidiano profissional fazendo novas descobertas, vivenciando o sentir e tornar pesquisador.

Perez (1992, p. 112) defende o mesmo ponto de Sacristan onde o mesmo diz: “Um processo de investigação na ação mediante o qual o professor submerge no mundo complexo da aula para compreender de forma crítica e vital”.

Neste sentido acredita-se que o professor em primeiro lugar é o pesquisador e socializador do conhecimento e por fim ainda utilizando do grande conhecimento de Demo (2002, p. 48) este professor torna-se capaz de motivar o novo pesquisador no aluno. Que segundo Lisita e Lipovistky, a pesquisa na formação docente é significativa como meio de desenvolvimento docente e discente por meio dos diversos tipos de pesquisa que realizam. O autor enumera alguns benefícios da pesquisa:

-Leva-nos ao reino crítico da produção do conhecimento, porque ela nos induz a organizar as informações e a interpretá-los;

-Focalize nossa atenção no pensar sobre nosso pensar, porque não exploramos nossa própria construção da consciência, nossa auto produção;

-Ajuda-nos a aprender a ensinar a nós mesmos;

-Nega a confiança nos procedimentos do pensamento;

O professor apropria-se da teoria e transforma num outro saber (chamamos senso comum) atribuindo desenvolvimento ao processo de formação permitindo criar suporte para o atuar da profissão é o que defende Mizukami (2002, p.22):

A formação do professor se baseará prioritariamente na aprendizagem da prática, para a prática e a partir da prática. A prática é a grande influenciadora no processo de ensino e aprendizagem segundo Sacristán e Pérez Gomes (1998, p. 365), aprendizagem é o resultado de uma atitude investigativa da prática.

CONCLUSÃO

Ser pesquisador ou dar continuidade a pesquisa dentro da docência é um processo que precisa ser socializado, desmistificado, empreendido, discutido e principalmente amadurecida cuja a contribuição possibilite a qualidade da prática da docência e na profissão/professor enquanto formador e transformador do conhecimento. O professor precisa questionar-se se está sendo pesquisador ou não, em cima da resposta construir ou desconstruir uma prática já existente permitindo espaço para uma nova postura, uma nova interação tanto pessoal e profissional.

Como o Educando precisa e sente carência do conhecimento, o educador precisa também

senti carência de si próprio e o que é necessário para a sua formação. Lembrando que a busca pelo conhecimento pela pesquisa não se esgota, ela sempre se prolongará na vida acadêmica docente naqueles que fazem do seu exercício profissional um desejo infinito.

O tempo presente e de construção e reconstrução da vida enquanto docente, tempo este que permiti, sonhar, experimentar momentos de crescimento pessoal, resgatando uma relação e aprendizagem significativa através da temática investigativa que é a pesquisa em si.

É com grande desejo de multiplicação do conhecimento e da forma de fazer ciência que julga-se de forma pertinente a pesquisa docente como vertente e norteadora do pensamento científico, sendo que particularmente têm exercido e exerce grande influência nos mais diretos campos da educação, principalmente a do ensino superior.

PALAVRAS-CHAVE: Formação Continuada, Pesquisa, Ciência.

BIBLIOGRAFIA

CATANI, Denice Bárbara et. al. História, memória e autobiografia na pesquisa educacional e na formação. In: _____ (org.). Docência, memória e gênero: estudos sobre a formação. São Paulo: Escrituras, 1997.

DEMO, Pedro. Metodologia Científica em Ciências Sociais. São Paulo: Atlas, 1985.

_____. Educar pela pesquisa. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

_____. Pesquisa: princípio científico e educativo. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. Pesquisa: princípio científico e educativo. 9.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

GALLIANO, A. Guilherme. O Método científico: teoria e prática. São Paulo: Harbra, 1979.

LISITA, Verbena; ROSA, Dalva; LIPOVETSKY, Noêmia. Formação de professores e pesquisa: uma relação possível? In: ANDRÉ, Marli (org.). O papel da pesquisa na formação e prática de professores. Campinas, SP: Papirus, 2001.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti, et al. Escola e aprendizagem da docência: processos de investigação e formação. São Carlos: EduFScar, 2002

PEREIRA, Marcos Villela. Subjetividade e Memória: algumas considerações sobre formação e autoformação. In: OLIVEIRA, Valeska Fortes de. (org.). Imagens de professor – significações do trabalho docente. Ijuí: Unijuí, 2000.

PEREZ GÓMEZ, Angel. O pensamento prático do profesor – a formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA, Antônio (coord.). Os professores e a sua formação. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASION, Lea da Graças Camargos. Docência no ensino superior. São Paulo: Cortez, 2002.

SACRISTÁN, J. Gimeno; PEREZ GOMEZ, A. I. Compreender e transformar o ensino. 4.ed. Artmed, 1998.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia do trabalho científico.14.ed. São Paulo:Cortez: Autores Associados,1986. 237.

SILVA, Cleânia de Sales. O construtivismo entre os professores do ensino fundamental: um discurso ancorado. IN: Linguagens, educação e sociedade. UFPI: ISSN – 1518 – 0743) N. 10 – janeiro a junho de 2004.

ESTÉLIO SILVA BARBOSA
esibes@bol.com.br